

MUSEUS INDÍGENAS ENTRE A ETNOMUSEOLOGIA E A MUSEOLOGIA SOCIAL: O MUSEU DOS KANINDÉ DE ARATUBA – CEARÁ

Apresentação oral

Esta comunicação visa apresentar reflexões sobre a relação entre etnomuseologia e museologia social, a partir da pesquisa que resultou na elaboração de dissertação de mestrado (*Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará*), defendida em março de 2012, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. O objetivo da pesquisa foi analisar as múltiplas temporalidades e a construção de sentidos dos objetos do Museu dos Kanindé (MK), povo indígena habitante do município de Aratuba, região do maciço de Baturité, à 130 quilômetros de Fortaleza. A pesquisa etnográfica foi realizada entre março e agosto de 2011, período em que morei na aldeia Fernandes, onde habitam há cerca de 138 anos a maior parte dos grupos familiares que formam os Kanindé, que perfazem aproximadamente 641 pessoas, espalhadas em 185 famílias e 148 residências (Ministério da Justiça, 2011 p. 1).

Metodologicamente, reunimos rigor analítico-conceitual a uma ação museológica didaticamente planejada para funcionar como método para coleta de dados e instrumento de formação, desenvolvendo procedimentos que fortaleceram o processo de musealização efetuado no MK. A pesquisa sobre os objetos se desenvolveu a partir de alguns procedimentos museográficos, dos quais o eixo orientador foi o processo de organização da documentação museológica, a partir do curso *Inventário Participativo em Museus Indígenas*. Objetivamos qualificar estudantes para atuarem na ação educativa do MK, coletando informações sobre os objetos através de ações de salvaguarda museológica. O grupo que executou estes trabalhos funciona hoje como núcleo pedagógico do MK, atuando na mediação, documentação e salvaguarda.

A elaboração do inventário de peças propiciou a sistematização de um esquema classificatório para o acervo, constituído de termos, categorias e subcategorias. A criação de fichas de registro, a marcação dos objetos e o tombamento foram outras etapas do trabalho coletivo. O acervo foi higienizado, armazenado e acondicionado. Foi realizada uma reforma interna e externa, com obras de pintura, piso e fachada. Finalizamos o trabalho técnico com a remontagem do MK, cujo acervo totalizou 430 peças, fora as coleções documental e bibliográfica.

A necessidade de organizar um esquema classificatório fez parte do esforço analítico para a apreensão dos objetos como suportes de informação. Partindo da multiplicidade de tipologias de acervo, materiais e procedências das peças do MK, a categorização abriu portas para o estudo antropológico dos objetos. Esforçamo-nos analiticamente para conciliar os critérios de classificação das peças, com os sentidos construídos sobre as mesmas, pois nos propusemos a entender como as ressignificações dos objetos podem ser compreendidas no interior das dinâmicas das identificações étnicas e sociais. Com o aprofundamento da pesquisa, identificamos e analisamos categorias nativas e narrativas que organizam as diferenças operadas na relação entre memórias e objetos.

Partindo de um acervo constituído, incorporamos os objetos domésticos, individuais e/ou presentes em espaços coletivos, em nosso horizonte interpretativo. No deslocamento do social ao museal, e vice-versa, situam-se as ressignificações dos objetos, percebidas como pontos de inflexão analítica e tensão hermenêutica que nos permitem articular importantes perspectivas para a análise dos processos sociais. A partir do momento em que lideranças e grupos indígenas formam coleções, atribuem sentidos próprios e criam museus, há um deslocamento no lugar da construção do discurso, no modo como os objetos são *revalorados* (Sahlins, 2003), *re-contextualizados* (Stocking Jr., 1985) ou *ressignificados* (Gonçalves, 2007). A noção de *ressignificação* (Gonçalves, 2007), ferramenta conceitual que possibilita analisar a cultura como variação e fluxo de significação (Barth, 2000; Hannerz, 1997; Oliveira, 1999), foi operada para a compreensão dos sentidos dos

objetos, da ação museológica indígena e da tradução para a realidade dos Kanindé da experiência de musealização.

Visamos refletir sobre os processos sociais relacionados ao surgimento dos *museus indígenas* contemporâneos, que constituem *regimes de memória* específicos e, como parte de movimentos sociais e organizações de caráter étnico, expressam *a condição de indígena com grande exuberância e beleza* (Oliveira, 2011, p. 14). A junção do termo designativo ao fenômeno de apropriação dos museus pelos índios já vem ocorrendo em círculos científicos e entre integrantes dos movimentos indígenas; se constituindo tanto como uma categoria êmica quanto como uma categoria de classificação social e estudo acadêmico.

A criação de espaços museológicos por povos e movimentos indígenas se destaca no cenário mundial, chamando a atenção de pesquisadores e gestores, seja enquanto objeto de estudo social, seja como processos que demandam a elaboração de políticas culturais. Fenômeno polissêmico por excelência e que perpassa as esferas das organizações sociais de caráter étnico, os museus indígenas remetem a uma profunda relação entre a construção de auto-representações e as formas de organização e mobilização destas populações.

A perspectiva etnomuseológica frutificou na identificação e análise das categorias êmicas de classificação social, *novidades* e *coisas de índios*, fundamentais para compreender a noção que os Kanindé possuem de museu e objetos, que remetem a três tipos: *coisas das matas*, *coisas dos velhos* e *coisas de índios*. A associação entre índio/natureza-mata, brancos/patrões, caça/identificação étnica, por exemplo, são parte das construções sociais melhor compreendidas à luz destas categorias nativas. Os objetos do MK, como construtores das fronteiras sociais, recebem variações semânticas – transformações conceituais e indexais – que possuem uma lógica, vislumbrada a partir destas categorias e das narrativas a elas conectadas, que organizam e dão sentido às suas experiências como povo indígena. A identificação e análise destas categorias contribuiu para compreender como se organizam as transformações nos sentidos e memórias dos objetos, ou seja, como se processam as diferenças operadas por meio da cultura material.

A seleção dos objetos se desloca em dois sentidos: mostrar o que do passado não existe mais, as *coisas dos velhos*, e guardar os objetos relacionados com uma trajetória como indígenas no presente e no passado, as *coisas dos índios* e as *coisas das matas*, suas antigas *novidades*. A nostalgia de como eram as *coisas* convive com uma utopia que se constrói em um presente que rompeu com determinada versão do que já aconteceu, para inaugurar olhares que se efetivam em narrativas com pontos de vista, papéis e sentidos diferentes acerca do ocorrido – no qual os Kanindé contam histórias das quais são protagonistas. O MK vem exercendo uma tripla função: espaço expositivo (comunicação museológica), reserva técnica (preservação e salvaguarda) e local de armazenamento de material referente ao movimento indígena (documental e ritual). Os objetos atuam duplamente enquanto sinais diacríticos: quando utilizados em atos públicos e quando ressignificados enquanto memória indígena no espaço museológico.

Se, por um lado, aproximamos etnomuseologia e museologia social, por outro, efetivamos um diálogo entre os estudos de etnicidade com uma antropologia dos objetos. A aliança entre observação participante e ação museológica propiciou o estabelecimento de uma relação com os indígenas que ia além do vínculo pesquisador-pesquisado. A perspectiva etnomuseológica frutificou à luz da museologia social, possibilitando um rico processo de pesquisa-ação. O desafio é compreender como ocorre a construção das vozes dos povos indígenas, já que, classicamente representados, a sua apreensão está localizada em dinâmicas e escalas de poder que se estabelecem numa relação de pesquisa, enquanto *objeto* de estudo. Nos museus indígenas, a atribuição de significados aos objetos - como prática social relacionada ao colecionamento e à ressignificação da cultura material – alimenta o debate sobre os limites da representação etnográfica (Gonçalves, 2007, p. 26), através da produção de uma estratégia retórica que textualiza experiências sobre si, reordenando discursos de poder representacional e estabelecendo contra-narrativas, através da construção social de sentidos sobre as *coisas*.

BIBLIOGRAFIA

BARTH, Fredrik. Enduring and emerging issues in the analysis of ethnicity. In: VERMEULEN, Hans; GOVERS, Cora (Orgs.). *The anthropology of ethnicity. Beyond Ethnic Groups and boundaries*. Amsterdam: Het Spinius, 2000, p.11-32.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos*. Coleções, Museus, Patrimônios. Rio de Janeiro: 2007 (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras-chave da antropologia transnacional. In: MANA – Estudos de Antropologia Social (Nº-3, v.1). Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS-MN), UFRJ, 1997, p. 7-39.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Ensaio de Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____. (org.). *A presença indígena no Nordeste*. Processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

STOCKING JR., George. Os museus e a alteridade. IN: STOCKING JR., George (org.). *Objects and Others. Essays on Museums and Material Culture*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985 (vol. 3 History of Anthropology).

DOCUMENTOS

Qualificação de reivindicação da Terra Indígena Kanindé de Aratuba. Fortaleza: Ministério da Justiça – Funai (Coordenação Regional de Fortaleza), 2011.